

**RUI PATRÍCIO****CORAÇÃO, CABEÇA E ESTÔMAGO**

## O tofu e o arroto

**H**á duas semanas, escrevi que andava desconfiado e que devia haver coisa no Marco, na Heidi e na Abelha Maia. Depois, pus-me a averiguar mais, e poderia agora dizer-vos, por exemplo, que desconfio disto e daquilo e daquele-outro, assim continuando a reinar com essa coisa – a atirar para o disparatado e que não me cabe na cabeça – de rever obras de outros tempos à luz de pensamentos atuais, mas dou-me conta de que talvez seja problemático reinar, nos tempos que correm, e paro um pouco. Só reinar, em si mesmo, pode ser problemático. E isso também é um problema, e um pouco menos disparatado, a meu ver, do que visitar o que foi com as mãozinhas do que agora é ou queremos que seja.

**R**einar, gozar, ironizar. Todo o humor tem uma pontinha de crueldade, mesmo que não chegue ao sarcasmo. E duas pitadas de sobrançeria, junto com meia dúzia de categorias, de estruturas e de identidades. Se não for assim, não rimos. Só rimos do que magoa, menoriza, apouca, critica, *et cetera*. Ou seja, reinar tem sempre um potencial de ofensa. E, se assim é – e é –, temos um problema, se reconhecemos – e reconheço – que é importante que a linguagem desempenhe um papel a favor da eliminação da ofensa, da opressão e dos sofrimentos concomitantes (seja do que for). Mas o que me inquieta – e para o que não encontro resposta, mesmo a reinar – é a questão de saber até onde se pode ir, qual a linha que nos separa do terreno minado. Dito de outro modo, em que número devemos ficar entre a leveza do oito e o peso do oitenta, um opressivo por defeito e outro opressivo por excesso. Não sei, e sei cada vez menos, até porque cada vez menos cultivo absolutos; e rejeio-me mais, à medida que o tempo passa, nas palavras de São Paulo aos Coríntios, quando lhes escreveu que não se apresentava perante eles com superioridade de palavras ou de sabedoria.

**E**, indo mais longe, há linha a separar o terreno minado do são, pode haver linha? Começar a desenhá-la não é já um problema? Por duas razões, desde logo. Uma, saber quem desenha, quem dita o que se pode ou não pode, com que legitimidade e com que critérios. E reinar, afinal, é assim tão mau, reinar tira pedaço, e tira-o de forma que justifique esse caminho de policiamento? Talvez seja, talvez tire, talvez não, mas, se for permitido proibir, então quem guarda o guarda e quem diz que dizer ou não dizer assim é melhor do que dizer ou não dizer assado? É, afinal, e uma vez mais, o velho problema da liberdade, eterna pescadinha de rabo na boca. Outra razão, mais prosaica, mas não menos importante: a sensorial. Onde ficamos e onde vamos parar sem a possibilidade de reinar? Um tédio e um enfartamento.

**E**sta coisa do politicamente correto – que tem razão de ser e virtudes, e boas intenções – tem perigos, e não é um dos menores o facto de constituir uma espécie de tofu do pensamento. Faz bem à saúde, protege os animais, até tem virtudes climáticas, mas comer sempre tofu? Tofu ao pequeno-almoço, ao almoço e ao jantar? Não sabe a nada, morre-se de maçada, um *ennui* de boas intenções. E um enfartamento de pureza vegetal, do qual nem com uma tirada sarcástica me posso aliviar. É que a ironia e o sarcasmo, na verdade, são como o arroto. O arroto parece mal, incomoda, mas liberta. E os tempos não estão para isso, estão para reter o ar dentro de nós, porventura até estoirar. Groucho Marx, o campeão do alívio, certamente teria uma frase certeira (e perversa) para isso, mas já cá não o temos, e se tivéssemos não seria ele, seria um arremedo em tintas suaves, um preparado *detox*, incapaz até de se rir de si mesmo. Talvez fosse apenas capaz de recuperar aquele dito que lhe é atribuído, segundo o qual a filosofia nos ensina a ser infelizes da forma mais inteligente. Quem sabe?